



Aldori Silva/AE

Demissão coletiva contra nomeações feitas por Corrêa

Planalto recepciona mulheres a baioneta

BRASÍLIA — Um dia depois de participar do debate na TV Manchete com candidatos a presidente da República, a presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), Jacqueline Pitanguy, teve de enfrentar ontem à tarde as baionetas do Corpo de Guarda do Palácio do Planalto para poder entregar sua carta de demissão do cargo. Jacqueline e oito conselheiras, entre elas a cineasta Tizuka Yamasaki, demitiram-se por discordar das nomeações para o conselho do CNDM feitas nesta semana pelo ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa.

Além de não ter sido recebido pelo presidente José Sarney, que designou o ministro Ronaldo Costa Couto para a tarefa, Jacqueline e cerca de 50 mulheres, entre elas a professora Rose Marie Muraro, a jornalista Marina Colassanti e a deputada Lídice da Mata, puderam assistir à primeira demonstração da nova segurança do Planalto. Barradas por soldados e agentes civis concentrados na frente do

palácio, as mulheres foram obrigadas a ficar do outro lado da rua, na Praça dos Três Poderes. A repressão, porém, não tirou o bom humor das manifestantes: elas passaram mais de uma hora acenando para os guardas, brincando de roda e cantando o Hino Nacional.

O pedido de demissão, segundo explicou Jacqueline, foi motivado pelo fato de o ministro da Justiça ter substituído, no dia 10, 2/3 do conselho deliberativo do CNDM — criado em 83 — sem consultar os diversos movimentos de mulheres existentes no País, como determina o regimento interno da entidade. A maioria das 12 conselheiras nomeadas, de acordo com Rose Marie Muraro, é ligada à Associação de Mulheres da Carreira Jurídica, sem nenhuma militância da luta feminista. Ela revelou que pelo menos duas foram “escolhas pessoais” de Corrêa: sua prima Alvarina Miranda, juíza em Manaus, e Telma Rocha Pinheiro, esposa do ex-coordenador de Comunicação Social do ministério.